

Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 18 O Papel dos Pais na Escola

1

“Porquês” e “comos” de uma relação família-escola

Armanda Zenhas ()**“Para educar uma criança é preciso toda uma aldeia”**(Provérbio africano)*

Antigamente dizia-se: “A família dá a educação e a escola dá a instrução.” Entre as duas instituições erguiam-se barreiras que levavam os pais a considerarem que a sua tarefa acabava quando o portão da escola se abria para os filhos entrarem e os professores a pensarem que a sua missão findava quando o mesmo portão se abria para os alunos saírem. “Filhos” e “alunos”: dois dos muitos papéis das crianças e dos jovens, que não se separam apenas ao transpor um portão. “Família” e “escola”, duas instituições que, apesar de verem as crianças/jovens com olhos diferentes e lhes atribuírem papéis diferentes, querem o mesmo para elas: desenvolvimento integral bem sucedido, sucesso educativo e académico. Dos mesmos objectivos para os mais novos partilha a comunidade em geral, distribuída pelas suas muitas instituições e serviços: Clubes Desportivos, Centros de Saúde, Casas da Juventude, Comissão de Protecção de Crianças e Jovens em Risco, entre tantas outras. “Família”, “escola” e “comunidade”: “toda uma aldeia” para “educar uma criança” (ou um jovem, acrescentaria eu), como tão sabiamente preconiza o provérbio citado.

Joyce Epstein (Sanders & Epstein, 1998), investigadora norte-americana, desenvolveu a teoria da sobreposição das esferas de influência. Um princípio fundamental desta teoria é, justamente, que a escola, a família e a comunidade (as três esferas em que a criança se encontra integrada e que a influenciam) partilhem objectivos comuns para as crianças/jovens, nomeadamente o sucesso académico, os quais são mais eficazmente atingidos se houver uma conjugação de esforços e uma intervenção coordenada, em que cada esfera actua de acordo com a sua especificidade (Zenhas, 2006). Nesta teoria, a escola, a família e a comunidade são representadas por três esferas parcialmente sobrepostas.

Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 18 O Papel dos Pais na Escola

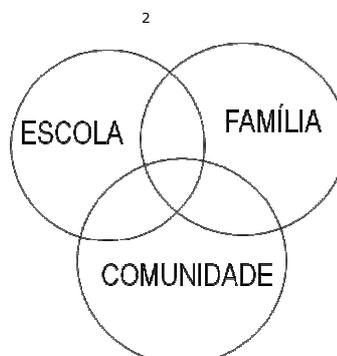


Fig. 1 Teoria das esferas de influência

A área de sobreposição dos contextos em causa corresponde à articulação entre eles. Quanto maior for a sobreposição, maior será a articulação. Contudo, se esta é desejável, fica também evidente que cada contexto tem uma área de intervenção própria, em que os outros não se devem emiscuir, necessitando, ao invés, de respeitar. Por outro lado, como adiante veremos de forma mais pormenorizada, colaborar não significa que todos os contextos desenvolvam as mesmas estratégias ou que o contexto “família” deva ter um papel de subserviência relativamente ao contexto “escola”.

Porquê a colaboração entre a escola e a família? Que benefícios daí advêm?

A investigação mostra que esses benefícios são uma realidade e não se limitam aos estudantes, abrangendo também a família e a escola. Tendo os alunos em conta, os estudos mostram que o seu desenvolvimento e os resultados escolares melhoram (Villas-Boas, 2001; Marques, 1994); a sua motivação para a escola e o estudo aumenta (Chora *et al.*, 1997; Marques, 1997); atitudes fundamentais para o sucesso escolar, como, por exemplo, a assiduidade, o comportamento e o empenho nas tarefas escolares, são desenvolvidas ou aprofundadas, fruto da valorização da escola e do percurso académico de cada criança/jovem pelo seu agregado familiar e pela comunidade. Quanto aos pais e à família, passam a ter atitudes e expectativas mais favoráveis relativamente à educação (Villas-Boas, 2001; Marques, 1994), percepcionando os filhos, no seu papel de estudantes, de uma forma mais positiva (Funkhouser & Gonzales, 1997), e adquirindo e/ou desenvolvendo conhecimentos e competências para se tornarem educadores mais confiantes e eficazes (Davies, 1996). No que à escola respeita, a colaboração contribui para a sua valorização social, com a melhoria das percepções das famílias relativamente à escola e aos professores (Chora *et al.*, 1997; Davies, 1989). Por outro lado, facilita aos professores um melhor conhecimento das características e das necessidades das famílias e dos alunos, favorecendo uma melhor

Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 18 O Papel dos Pais na Escola

3

adaptação a estes e uma aproximação da cultura da escola à da comunidade (Chora *et al.*, 1997; Marques, 1997).

“Os pais que mais precisavam de ir à escola são precisamente aqueles que nunca lá vão.” – queixam-se muitos professores, com muita frequência. E quem são esses pais “que mais precisam”? São aqueles cujos filhos têm mais dificuldade em se adaptar à escola e em obter sucesso académico. Muitas causas estão por detrás destes fenómenos, mas centrar-me-ei numa. Com a escolaridade obrigatória, instituída há algumas décadas, e com o crescente aumento dos anos por ela abrangidos, a população escolar caracteriza-se por uma diversidade sócio-económica e cultural. A escola, contudo, manteve a sua cultura e a sua linguagem, próprias da classe dominante (Silva, 2009). Estas diferenças de cultura e de linguagem constituem factores de exclusão (Funkhouser & Gonzales, 1997), pois os pais não compreendem a linguagem dos professores e sentem-se incompetentes. Para além disso, lembram-se das experiências negativas que viveram na sua própria vida escolar e queixam-se de só serem chamados à escola quando há problemas (Silva, 1997).

Villas-Boas (2001) aponta a necessidade de diminuir esta descontinuidade cultural entre a família, a escola e a comunidade como sendo central para o sucesso educativo e académico das crianças/jovens. Embora considere este processo bilateral, implicando uma aproximação da família à cultura da escola e uma aproximação da escola à cultura da família, ela e outros autores (Estrela & Villas-Boas, 1997; Funkhouser & Gonzales, 1997; Silva, 1994) atribuem à escola a responsabilidade de tomar a iniciativa no envolvimento das famílias, pois, sendo a relação entre a escola e as famílias uma relação entre culturas e havendo uma hierarquização social destas, a escola encontra-se numa posição de poder por representar a cultura socialmente dominante.

Num estudo sobre o envolvimento na escola de pais com baixos rendimentos, de zonas urbanas, McDermoth e Rothenberg (2000) identificaram três factores determinantes da sua vontade em se envolverem e da qualidade com que o fazem:

a) A percepção da família sobre o seu papel e a sua responsabilidade na educação da criança, sendo que, frequentemente, os pais das classes mais desfavorecidas sentem-se excluídos da escola e pensam que é a ela que cabe “ensinar”.

b) Os sentimentos parentais de eficácia, que levam os pais a envolverem-se de uma forma mais activa, se considerarem que podem ter um papel positivo no sucesso académico dos filhos.

Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 18 O Papel dos Pais na Escola

4

c) O facto de as escolas (não) terem cuidado em acolher bem os pais e de (não) fazerem com que eles se sintam lá bem.

Bloom (1981) chama a atenção para o facto de as famílias que não cumprem eficazmente as suas funções educativas o poderem fazer melhor se fossem elucidadas sobre a forma de o fazer. Wang *et al.* (1993, citado de Villas-Boas, 2001), por sua vez, exemplificam atitudes parentais que promovem a aprendizagem e que, como veremos, são acessíveis a qualquer família, de qualquer nível sócio-económico ou cultural: manifestar interesse pelo trabalho escolar, participar nas reuniões da escola, verificar o TPC, garantir a assiduidade às aulas, mostrar expectativas positivas relativamente à escolaridade dos filhos.

Como pode a escola promover a colaboração escola-família-comunidade?

Embora caiba à escola o primeiro passo no estabelecimento desta colaboração, nem sempre o caminho é fácil. Epstein (1997) desenvolveu uma tipologia de colaboração escola-família-comunidade, que pode ser um importante instrumento para auxiliar os professores, as escolas, os agrupamentos a desenvolverem programas de colaboração com as famílias e a comunidade. Este instrumento compreende vários conceitos fundamentais que seguidamente são enunciados. Define seis tipos de colaboração escola-família-comunidade. Cada um deles traduz-se em práticas diversas, que a autora exemplifica, e coloca desafios específicos, que precisam de ser ultrapassados para envolver as famílias. Por vezes é necessário fazer redefinições de noções ou conceitos, para que se tornem mais abrangentes e alcancem mais famílias. Por fim, os resultados da colaboração estabelecida são diferentes para os alunos, para os pais e para a escola, havendo benefícios para todos.

Este instrumento permite fazer um diagnóstico da situação existente numa turma, numa escola, num agrupamento, num concelho; uma verificação dos tipos de colaboração já estabelecidos e das estratégias que os concretizam, bem como dos que se tornam mais necessários; uma reflexão sobre as dificuldades que se colocam à colaboração pretendida; uma análise dos recursos existentes. Daqui se pode partir para a definição de um plano fundamentado e abrangente, que corresponda às necessidades das famílias abrangidas e respeite a(s) sua(s) cultura(s), de forma a construir pontes que permitam estabelecer uma verdadeira colaboração (Zenhás, 2006).

Ozarfaxinars

e-revista ISSN 1645-9180

Nº 18 O Papel dos Pais na Escola

5

No quadro 1 são definidos os vários tipos de colaboração escola-família-comunidade e são apresentados exemplos concretos de actividades que podem ser desenvolvidas (Epstein, 1997; Zenhas, 2006).

Tipo	Definição	Exemplos de Actividades
Tipo 1 Funções parentais	Tem a ver com as actividades que ajudam a promover competências parentais favorecedoras do desempenho do papel de estudante das crianças/jovens. É uma ajuda ao cumprimento das funções parentais básicas, como, por exemplo, a atenção ao bem-estar, à alimentação, à higiene, à auto-estima, ao desenvolvimento de comportamentos sociais adequados.	Fornecimento de informação/formação aos encarregados de educação sobre os cuidados básicos referidos, por exemplo, alimentação e rendimento escolar, higiene do sono, estratégias de controlo da assiduidade às aulas.
Tipo 2 Comunicação	Respeita às actividades de comunicação escola-família e família-escola, por exemplo, sobre os programas escolares, a situação escolar dos alunos, as actividades desenvolvidas pela escola.	Reuniões com os encarregados de educação Atendimentos individuais Telefonemas, mensagens na caderneta, etc.
Tipo 3 Voluntariado	Trata-se de actividades em que a família disponibiliza uma parte do seu tempo e dos seus talentos para apoiar a escola, os professores e os alunos. Contribuem para facilitar o contacto entre pais, professores e alunos, promovendo um melhor conhecimento entre todos e um maior sentimento de à-vontade dos familiares na escola.	Apresentação de trabalhos realizados nas aulas às famílias (exemplos: uma peça de teatro de Área de Projecto, canções de Educação Musical, leitura de contos escritos em Língua Portuguesa, exposição de trabalhos de várias disciplinas) Convite a familiares para participarem em aulas ou dinamizarem actividades, de acordo com as suas profissões e os seus talentos (exemplos: organização de visitas de estudo, participação de uma nutricionista numa aula de Ciências da Natureza ou de um bombeiro em Formação Cívica).
Tipo 4 Aprendizagem em casa	Compreende actividades em que a escola ajuda os pais a melhorarem as suas competências de acompanhamento do estudo dos filhos em casa, aprendendo a monitorizar e a apoiar o seu trabalho escolar.	Reunião do director de turma com os encarregados de educação e os alunos para organizar um horário individual de estudo, explicando as regras a que deve obedecer; para falar sobre a organização do local de estudo e os factores de distração a eliminar.
Tipo 5 Tomada de decisões	Engloba as actividades em que os elementos das famílias não agem apenas relativamente aos seus educandos, mas como representantes dos pais, como acontece com as Associações de Pais ou os representantes de encarregados de educação de uma turma.	Participação de elementos da Associação de Pais em reuniões do Conselho Pedagógico Actividades promotoras da participação dos representantes dos encarregados de educação da turma como verdadeiros representantes desse colectivo.
Tipo 6 Colaboração com a comunidade	Compreende actividades de identificação das necessidades da escola/agrupamento e dos recursos existentes na comunidade para as satisfazer, com o posterior estabelecimento de parcerias.	Acordo com instituições (APAV, PSP, centros de saúde, etc.) para dinamizarem formação para os alunos e/ou os pais.

Quadro 1 – Tipos de colaboração escola-família-comunidade

Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 18 O Papel dos Pais na Escola

6

Retomando os conceitos de desafio e redefinição, os dois exemplos que se seguem são elucidativos da sua importância:

1. O primeiro exemplo diz respeito ao tipo 4. Verifica-se que, numa turma, apenas uma parte dos alunos estuda regularmente e faz os seus trabalhos de casa. Conversando com os encarregados de educação, maioritariamente da baixa escolaridade, o director de turma apercebe-se de que estes se sentem incompetentes para supervisionar o estudo dos filhos, por terem uma escolaridade inferior à deles.

Desafio – Conseguir que todos os encarregados de educação se sintam capazes de acompanhar o estudo dos seus filhos e o façam.

Redefinição – “Ajudar no estudo em casa” não significa explicar as matérias ou tirar as dúvidas, mas sim criar condições adequadas para o estudo, valorizá-lo, supervisioná-lo, incentivá-lo e elogiá-lo.

Formulada esta redefinição e estabelecido este desafio, correspondente a uma necessidade de turma, encontram-se, no Quadro 1, exemplos de actividades que podem ser desenvolvidas.

2. O segundo exemplo inclui-se no tipo 5. Verifica-se que, numa escola, os representantes dos encarregados de educação das turmas participam nas reuniões de conselho de turma sempre com as suas opiniões pessoais e sem grande contacto prévio com os restantes encarregados de educação.

Desafio – Dar condições aos encarregados de educação de cada turma para que possam sentir motivação e ter condições para reflectirem colectivamente sobre a turma e tomarem decisões.

Redefinição – Representante dos encarregados de educação de uma turma não é apenas aquele que é eleito para participar nos conselhos de turma, mas sim aquele que aí representa a voz colectiva de todos os encarregados de educação da turma, com opiniões, propostas, decisões debatidas e assumidas previamente.

No sentido de conseguir vencer este desafio, a escola poderá desenvolver actividades como, por exemplo, reuniões de representantes de encarregados de educação das várias turmas para

Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 18 O Papel dos Pais na Escola

7

debaterem as suas funções, as dificuldades que encontram no exercício do cargo e condições a fornecer pela escola para o facilitar.

O conceito resultados, anteriormente referido, remete para uma diversificação dos mesmos de acordo com os intervenientes em causa: resultados para os alunos, resultados para os pais e resultados para os professores. Tomando como exemplo a actividade de tipo 3 em que os pais são chamados à escola para assistirem à exibição de trabalhos preparados pelos seus filhos numa ou em várias áreas curriculares, poderemos esperar, entre outros, os seguintes resultados:

Resultados para os alunos – Desenvolvimento da auto-estima e de competências de comunicação em público.

Resultados para os pais – Melhor conhecimento do trabalho desenvolvido pelos filhos na escola. Sentimento de serem aí bem acolhidos. Maior confiança na escola e nos professores e maior disponibilidade para colaborar com eles noutras situações.

Resultados para os professores – Maior valorização do seu trabalho pelos pais. Melhoria da sua imagem social. Melhor conhecimento das famílias e, por conseguinte, dos alunos.

“Os pais que não vêm à escola são aqueles que mais precisam.” Vale a pena reflectir sobre esta ideia e redefini-la. Os pais que menos vão à escola são, provavelmente, aqueles que não se sentem lá bem, que não compreendem a sua linguagem, que só são chamados quando os filhos têm mau comportamento ou mau aproveitamento, frequentemente sem serem debatidas com eles formas de colaboração para ultrapassar estes problemas. E se antes de os problemas surgirem já estiver criada uma relação de confiança, através de idas significativas dos pais à escola, por exemplo, para verem apresentações dos trabalhos dos filhos ou para assistirem a um debate em linguagem simples sobre temas do seu interesse? E se, havendo já essa abertura, os pais forem chamados à escola, não apenas para serem informados do mau comportamento do seu educando, mas para serem definidas estratégias conjuntas de resolução, como, por exemplo, o estabelecimento de um contrato de comportamento, que identifica as atitudes que o aluno deve corrigir, a forma como o professor o vai ajudar e as consequências, em casa, do (in)cumprimento do contrato pelo aluno?

Ozarfaxinars

e-revista ISSN 1645-9180

Nº 18 O Papel dos Pais na Escola

8

Se as vantagens da colaboração entre a escola e a família para o sucesso educativo das crianças/jovens são um facto, é preciso que os professores, as escolas e os agrupamentos reflectam sobre a forma de estabelecerem projectos adequados às características do seu público-alvo e às suas necessidades, de forma a trazerem os pais até si, todos os pais, de todas as etnias, religiões e culturas, criando um clima favorável ao desenvolvimento de uma relação de confiança mútua, propícia à colaboração. A tipologia de Epstein é, certamente, um instrumento de grande utilidade para esse fim. Se “para educar uma criança é preciso toda uma aldeia”, reúnam-se os aldeões e articulem-se os seus esforços, com respeito pelas suas especificidades e pelos seus diferentes papéis e responsabilidades.

Ozarfaxinars

 e- revista ISSN 1645-9180

Nº 18 O Papel dos Pais na Escola

9

Referências bibliográficas

- Bloom, B. S. (1981). *Características humanas e aprendizagem escolar*. Porto Alegre, Rio de Janeiro: Editora Globo.
- Chora, A., Costa, F., Brito, G., & Marques, R. (1997). Direcção de turma e sucesso educativo: A história de um projecto. In D. Davies & R. Marques & P. Silva (Eds.), *Os professores e as famílias: A colaboração possível* (pp. 115 - 151). Lisboa: Livros Horizonte.
- Davies, D. (Ed.). (1989). *As escolas e as famílias em Portugal: Realidade e perspectivas*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Davies, D. (1996). Partnerships for student success. *New Schools, New Communities*, 12(3), 14-21.
- Epstein, J. L. (1997). A comprehensive framework for school, family, and community partnerships. In J. L. Epstein & L. Coates & K. C. Salinas & M. G. Sanders & B. S. Simon (Eds.), *School, family, and community partnerships* (pp. 1 - 25). Thousand Oaks, California: Sage.
- Estrela, M. T., & Villas-Boas, M. A. (1997). A relação pais e escola: Reflexões sobre uma experiência. In H. Marchand & H. R. Pinto (Eds.), *Família: Contributos da Psicologia e das Ciências da Educação* (pp. 103-116). Lisboa: Educa e autores.
- Funkhouser, J. E., & Gonzales, M. R. (1997). *Family involvement in children's education: Successful local approaches: An idea book*. Retirado da Web em 20 de Outubro de 2002 de: <http://ed.gov/pubs/FamInvolve/>.
- Marques, R. (1997). A participação dos pais na vida da escola como uma componente do modelo da educação pluridimensional. In D. Davies & R. Marques & P. Silva (Eds.), *Os professores e as famílias: A colaboração possível* (pp. 106 - 114). Lisboa: Livros Horizonte.
- Marques, R. (1994). *A direcção de turma: Integração escolar e ligação ao meio*. Lisboa: Texto Editora.
- McDermott, P., & Rothenberg, J. (2000). Why urban parents resist involvement in their children's elementary education. *The Qualitative Report*, 5.
- Sanders, & M. G., Epstein, J. L. (1998). *School-family-community partnerships in middle and high schools: From theory to practice*. Retirado em 20 de Outubro de 2002, de CRESPAR Report 22, de <http://www.csos.jhu.edu/crespar/techReports/Report22.pdf>.
- Silva, P. (1994). Escola-família: Uma relação armadilhada? *Revista ESES*(5), 23-30.
- Silva, P. (1997). A acção educativa - um caso particular: O dos pais difíceis de envolver no processo educativo escolar dos seus filhos. In D. Davies & R. Marques & P. Silva (Eds.), *Os professores e as famílias: A colaboração possível* (pp. 61 - 75). Lisboa: Livros Horizonte.
- Silva, P. (2009). Crianças e comunidades como actores sociais: uma reflexão sociológica no âmbito da interacção entre escola e famílias. In T. Sarmiento (Ed.), *Infância, família e comunidade: As crianças como actores sociais* (pp. 17 - 42). Porto: Porto Editora.
- Villas-Boas, M. A. (2001). *Escola e família: Uma relação produtiva de aprendizagem em sociedades multiculturais*. Lisboa: Escola Superior João de Deus.
- Zenhas, A. (2006). *O papel do director de turma na colaboração escola-família*. Porto: Porto Editora.

(*) Armanda Zenhas, professora do Grupo 220, na Escola E.B. 2.3. de Leça da Palmeira, Mestre em Educação, na especialidade de Formação Psicológica de Professores.